

A MULATA E O MALANDRO: A CARACTERIZAÇÃO DO PERSONAGEM-TIPO NA MÚSICA DO TEATRO DE REVISTA BRASILEIRO, ENTRE AS DÉCADAS DE 1880 E 1930

Leonardo de Mesquita Taveira

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Música, teatro de revista, personagem-tipo.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o Teatro de Revista tem recebido a atenção devida à sua importância na historiografia cênica nacional. A literatura aponta isto e vemos que “o fenômeno teatro de revista foi o mais forte e duradouro movimento de teatro popular já ocorrido no país, e suas influências foram decisivas na consolidação de uma cultura urbana de massas” (ANTUNES, 2002:13). Por cerca de três quartos de século (1884-1961), o Teatro de Revista teve posição de destaque na produção teatral e cultural brasileira.

Em todos os espetáculos de Revista, a presença da música era uma constante. Cada personagem – real ou alegórico e pela sua importância no enredo – tinha sua cota nos números musicais. Se, na ópera e na opereta, personagens cantam recitativos e árias apresentando-se ao público e situando-se na trama; paralelamente, na Revista era habitual que cada personagem de destaque “se auto-apresentasse cantando, dizendo seu nome, sua profissão, seus gostos e outros dados esclarecedores” (VENEZIANO, 1991:155) – eram as *coplas-de-apresentação*. Desta forma, o público sabia *quem* ou *o que* entrava em cena. Além das coplas, havia canções, duetos, tercetos ou conjuntos e as apoteoses.

Compositores vindos do teatro lírico – como Henrique A. de Mesquita e Abdon Milanez – e com formação clássica – como Assis Pacheco, Costa Jr. e Nicolino Milano –, assim como outros vindos do Choro – como Sofonias Dornelas, Luís Moreira e Paulino Sacramento – trabalharam musicando o Teatro de Revista e contribuíram para criar um padrão de excelência, no palco, e de expectativa, na plateia. Houve ainda, criando Revistas, músicos populares que inspiraram compositores eruditos: Marcello Tupynambá teve temas musicais seus usados em composições por Darius Milhaud – este afirmou que Tupynambá e Ernesto Nazareth “precedem a música de seu país como as duas grandes estrelas do céu austral” (*apud* KIEFER, 1982:119). Esta lista mínima de nomes mostra a riqueza musical deste gênero teatral.

Tratar da música do Teatro de Revista como um todo seria uma tarefa, atualmente, impossível. Preferimos, então, focar a música referente a uma das principais convenções deste gênero teatral – o *personagem-tipo*.

O teatro cômico sempre acolheu os *tipos*. Veneziano (1991:120) diz que “todo o teatro popular, e em especial a revista, trabalha fundamentalmente com tipos”, e Süsskind (1986:94) completa dizendo “um dos procedimentos mais constantes nas revistas é justamente a tipificação”.

Diversos personagens, tipos, caricaturas e alegorias eram postos em cena, para uma imediata identificação pela platéia. *Tipos* como o *Zé-Povinho*, o *Capoeira*, a *Mulata* e o *Mulato*, o *Caipira*, o *Almofadinha*, a *Melindrosa*, o *Malandro* e o *Português* eram constantes nas Revistas.

A escolha da *Mulata* e do *Malandro*, para a realização desta pesquisa, deu-se por serem estes os que mais se fixaram no imaginário brasileiro, tornando-se extremamente recorrentes na música e no humor brasileiros.

A *Mulata* surge em nosso Teatro de Revista em 1890, quase simultaneamente, em duas Revistas – *A República* de Artur Azevedo e *Bendegó* de Oscar Pederneiras. A sua rápida repercussão pode ser avaliada pela estréia brasileira da Revista lusitana *Tim-Tim por Tim-Tim* (1892), de Souza Bastos, que na temporada carioca incluiu um ‘número de baiana’, “O Mugunzá”, música de F. Carvalho, cantado por Pepa Ruiz.

Sobre o *Malandro*, diz-se (GOMES, 1998:43; SILVA, 1998:108) que ele surgiu na nossa Revista também pelas mãos de Artur Azevedo, em *O Bilontra* (1886), mesmo já existindo no teatro e na literatura. Nas Revistas desenvolve-se uma figura de muitas faces, delineando o *Malandro* nacional, sob várias nomeações: *jagunço*, *bilontra*, *tribofê* etc.

Os *personagens-tipo* foram veículos para a crítica à sociedade brasileira e seus costumes em transformação. Assim, ao criticar o Rio de Janeiro – primeiro Corte Imperial, depois Capital Federal – o Teatro de Revista retratou e refletiu o nosso povo, fixando tipos, modas e costumes.

JUSTIFICATIVA E DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Até o presente momento, não se constatou que a música do Teatro de Revista tenha sido especificamente focalizada em pesquisas, aparecendo na literatura de forma puramente histórica. Há evidência desta vasta lacuna nos estudos sobre o nosso Teatro de Revista.

No Brasil, a Música Popular e o Teatro de Revista se relacionaram em uma via de mão dupla na qual o sucesso dos espetáculos teatrais divulgava a música popular e, igualmente, os sucessos da música popular, levados para as Revistas, aumentavam ainda mais o público no teatro. Um repertório tão rico precisa ser resgatado, explorado e divulgado, sob o risco de ser perdido, caso este resgate não ocorra. As bibliotecas públicas de música acolhem um enorme acervo de textos e partituras – como é o caso da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, que, além da Coleção Paschoal Segreto em vias de tratamento (e a qual ainda não tivemos acesso), possui um cabedal de partituras isoladas.

Nosso objetivo é, buscando este repertório para um diálogo histórico-interpretativo, desenvolver pesquisa sobre a música deste gênero teatral que vem se mostrando uma fonte riquíssima sobre a história da cultura brasileira.

O objeto desta investigação são partituras que se refiram aos *personagens-tipo* abordados ou que tenham sido por eles cantados em espetáculos das primeiras fases da Revista brasileira (o

período das revistas-de-ano e o período da Revista *tipicamente brasileira* (PAIVA, 1991:199-200) – isto é, entre as décadas de 1880 a 1930), quando se privilegiava a crítica social e a sátira de costumes. Através desse material, se desenvolverá uma discussão sobre a caracterização musical e vocal de *tipos* no gênero teatral Revista.

Como a nossa proposta é trabalhar especialmente com música vocal, os textos dos espetáculos vêm servindo, principalmente, para indicar a existência de números musicais que se enquadrem em nossos parâmetros.

Como nos aponta Veneziano (1991:122), a *Mulata* e o *Malandro* foram caracterizados e formalizados no Teatro de Revista brasileiro, tornando-se convenções teatrais. A partir disso, será possível encontrar uma especificidade musical para estes *personagens-tipo* na música do nosso Teatro de Revista? Qual a recorrência, nesta caracterização, em termos de gênero, rítmica e padrão vocal? Será possível estabelecer um padrão musical e vocal ou a variação será demasiado extensa? Poderemos estender este processo de investigação sobre caracterização para outros *personagens-tipo*?

FUNDAMENTAÇÃO E PROCEDIMENTOS

Utilizamos *O Teatro de Revista no Brasil* (VENEZIANO, 1991), e *Precisa Arte e Engenho Até...* (SILVA, 1998) para embasar a abordagem ao *personagem-tipo* como convenção do Teatro de Revista. *Lenço no Pescoço* (GOMES, 1998) e “Sabina das Laranjas” (GOMES, 2002) nos dão a perspectiva histórica para os *tipos* abordados.

Nosso material de pesquisa vem da Divisão de Música da Biblioteca Nacional e da Biblioteca do Conservatório Brasileiro de Música, ambas no Rio de Janeiro, visitadas para busca, seleção e cópia das partituras. Para cada peça (partitura) coletada é preenchida uma ficha de descrição e análise inicial.

Na análise das peças selecionadas, tentamos encontrar os pontos em comum na caracterização e quais variações surgem – já que há subdivisões nos *tipos*, como colocado acima. Trabalhamos com a hipótese da existência dessa caracterização musical do *personagem-tipo*.

Nossos itens de análise são: (a) a contextualização histórica do Teatro de Revista e do *personagem-tipo* dentro da produção cultural brasileira, nas décadas de 1880 a 1930; (b) análise da transformação ocorrida na caracterização dos *personagens-tipo* neste período; (c) a análise musical dos exemplos coletados; e (d) a análise dos resultados obtidos.

Temos verificado um grande volume de material existente (partituras) sobre estes dois *personagens-tipo*, principalmente sobre a *Mulata*. O nosso recorte temporal, com cerca de meio século, abrange os dois primeiros períodos da Revista – como já dito. Isso nos oferece uma visão bem ampla das características apresentadas e das transformações sofridas pelos *tipos* abordados e, também, uma maior possibilidade de detalhamentos dos mesmos. Baseados em

Paiva (1991), vimos que há mais de 200 compositores relacionados ao Teatro de Revista, apenas na produção do Rio de Janeiro. Essa produção vem sendo escarafunchada para se encontrar exemplos que caibam nos parâmetros desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Delson. **Fora do Sério: um panorama do Teatro de Revista no Brasil**. Rio de Janeiro: Funarte, 2002.
- GOMES, Tiago de M. **Lenço no pescoço: o malandro no Teatro de Revista e na Música Popular**. 1998. Dissertação (Mestrado em História) – P.P.G.H., Unicamp.
- _____; SEIGEL, Micol. “Sabina das Laranjas: Gênero, Raça e Nação na trajetória de um símbolo popular, 1889-1930”. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 43:171-193, 2002.
- KIEFER, Bruno. **História da Música Brasileira dos primórdios ao início do séc. XX**. 3ª ed. Porto Alegre: Movimento, 1982.
- PAIVA, Salvyano C. de. **Viva o Rebolado! Vida e morte do Teatro de Revista brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- SILVA, Daniel M. da. **‘Precisa Arte e Engenho até...’: um estudo sobre a composição de personagem-tipo através das burletas de Luiz Peixoto**. 1998. Dissertação (Mestrado em Teatro) – P.P.G.T., C.L.A., Unirio.
- SÜSSEKIND, Flora. **As Revistas de Ano e a invenção do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- VENEZIANO, Neyde. **O Teatro de Revista no Brasil: dramaturgia e convenções**. Campinas: Pontes, UNICAMP, 1991.
- _____. **Não adianta chorar! Teatro de Revista brasileiro... Oba!**. Campinas: Ed.da UNICAMP, 1996.